



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA BETIM
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA**

Aline Daiane Rodrigues da Silva

Fernanda Gangá Ferreira Silva

Nataly Neves Neto

DIVÓRCIO DOS PAIS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Betim

2021/1

Aline Daiane Rodrigues da Silva

Fernanda Gangá Ferreira Silva

Nataly Neves Neto

DIVÓRCIO DOS PAIS E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Monografia apresentada à disciplina TCC
Orientação I como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia pelo Centro Universitário UNA
Betim.

Professora Orientadora: Adriana Piva

AGRADECIMENTOS

*Devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar
que a sabedoria vem com a velhice.*

Platão

*O principal objetivo da educação é criar pessoas
capazes de fazer coisas novas e não simplesmente
repetir o que outras gerações fizeram.*

Jean Piaget

Primeiramente agradecemos a Deus por todo esse caminho até aqui, pela oportunidade de chegar onde chegamos hoje, pela força e toda capacidade que nos foi dada.

Aos nossos familiares que sempre nos apoiaram nessa jornada, aos amigos que nos incentivam sempre a prosseguir.

Em especial a nossa orientadora, Professora Adriana Piva por toda dedicação e paciência que teve conosco e principalmente por todo conhecimento que nos foi compartilhado até aqui, foi uma honra tê-la como orientadora.

RESUMO

A presente monografia foi realizada com base numa pesquisa qualitativa, em que busca compreender os impactos causados no processo educacional dos filhos a vivência da situação de divórcio dos pais. Para isso foi utilizada a revisão bibliográfica, apresentada em três tópicos, que se destacam pelos conteúdos referentes aos objetivos específicos da pesquisa. O primeiro tópico aborda a origem e evolução histórica da construção da família, bem como as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Já no segundo tópico, o estudo buscou descrever os impactos da separação e como a comunidade escolar lida com educandos que passam pelo divórcio dos pais no período educacional, citando a crise do vínculo afetivo, a mudança de rotina familiar e o desinteresse pela vida escolar devido a atual condição do relacionamento dos pais. No terceiro tópico, o estudo buscou entender como a comunidade escolar lida com os alunos. Por fim, foi realizada também uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de questionário a professores e a jovens que passaram pelo processo de separação dos pais durante o período escolar. Com a pesquisa percebemos a importância do apoio da escola aos alunos e famílias que estão passando por esta crise para que seja minimizado o impacto emocional e de aprendizagem sobre os estudantes.

Palavras-chave: Separação dos Pais. Divórcio. Dificuldades de Aprendizagem. Relação Família e Escola.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
<i>2.1 Importância da participação da família na aprendizagem escolar da criança</i>	<i>10</i>
<i>2.2 Impactos da separação dos pais na aprendizagem escolar da criança no ensino fundamental</i>	<i>16</i>
<i>2.3 Estratégias utilizadas pelas escolas para minimizar o impacto sobre o processo de aprendizagem do aluno que teve sofrimento emocional causado pela separação dos pais</i>	<i>20</i>
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	25
<i>3.1 Análise das respostas dos estudantes</i>	<i>25</i>
<i>3.2 Análise das respostas dos professores</i>	<i>27</i>
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	38

1 INTRODUÇÃO

As emoções comandam toda a nossa jornada na vida, somos movidos por elas. Segundo Jesus e Lempke (2015), as emoções desempenham um papel muito importante para o desenvolvimento do ser humano, influenciando-o desde os primeiros momentos de vida. “Ao se desenvolver, a criança assimila e aprende a controlar suas emoções de acordo com as suas vivências, favorecendo, assim, os seus relacionamentos sociais” (p.310). Para o desenvolvimento da vida escolar não é diferente, em todo momento a criança se apropriará de suas emoções, inclusive, para sua aprendizagem de acordo com Paulo Freire:

O processo de saber, que envolve o corpo consciente todo, sentimentos, emoções, memória, afetividade, mente curiosa de forma epistemológica, voltada ao objeto, igualmente sujeitos cognoscentes, quer dizer, capazes de conhecer e curiosos também. Isto significa simplesmente que a relação chamada cognoscitiva não se encerra na relação sujeito cognoscente-objeto cognoscível porque se estende a outros sujeitos cognoscentes. (FREIRE, 1997 p. 82).

Constantino (2003, p.30), citado por Jesus e Lempke (2015), acrescenta que “as crianças reproduzem na escola suas experiências emocionais” (p.311), nesse sentido quando algo não está bem em suas vivências familiares isso também é refletido na escola.

Nesse contexto, falaremos ao longo desse trabalho sobre como um conflito familiar, especificadamente o divórcio dos pais, pode afetar a vida escolar da criança.

Ao longo das últimas décadas, alguns estudos têm evidenciado que as crianças de pais separados apresentam menor motivação e rendimento escolar em relação a crianças de famílias intactas. Mais concretamente, as crianças provenientes de famílias cujos pais estão separados seriam menos capazes de terminar tarefas escolares, teriam maiores dificuldades em concentrar-se nas tarefas complexas, piores resultados acadêmicos em matemática e em línguas, além de menor responsabilidade. (NUNES-COSTA, 2009, p.390).

É comum relatos de professores e mesmo de estudantes apontando que crianças que vivenciaram a separação dos pais, tiveram uma alteração no comportamento na escola durante o período e apresentaram maiores dificuldades de aprendizagem e problemas de socialização com seus colegas. Conforme pesquisa feita por Moreira (2010), “[...] quando a separação acontece durante o ano letivo, segundo duas professoras entrevistadas, o aluno fica mais disperso e sem concentração”. (p.39). Em relação às mudanças de atitudes na interação desses alunos com os colegas, “somente a professora B não percebeu nada de diferente, quando os pais de seus alunos se separam. As demais relataram que a mudança de comportamento é nítida. Eles mudam com os colegas, ficam agressivos e mais egocêntricos”. (MOREIRA, 2010, p.40).

Sendo assim, é fundamental que os educadores conheçam as vivências individuais dos seus alunos para que possam, em alguma medida, auxiliá-los a superar as dificuldades apresentadas na vida social e familiar, favorecendo, assim, o processo de ensino/aprendizagem (JESUS; LEMPKE, 2015, p.311).

Para desenvolvimento deste trabalho propusemo-nos a seguinte questão problema: como a escola lida com os impactos da separação dos pais sobre a aprendizagem escolar da criança no ensino fundamental? Para responder a essa pergunta norteou-se como objetivo geral: analisar como a escola pode apoiar estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem decorrentes da separação dos pais. Como objetivos específicos estabelecemos: descrever o processo de transformação ocorrido na relação entre família, criança e educação nos últimos séculos; identificar a influência do divórcio dos pais na vida escolar da criança; e analisar estratégias utilizadas pelas escolas para minimizar o impacto sobre o processo de aprendizagem do aluno que teve sofrimento emocional causado pela separação dos pais.

O desejo de escrever sobre este assunto se deu através de um dos estágios realizados por uma das autoras deste trabalho na educação infantil, em uma turma com cerca de vinte alunos, com idade de quatro anos, destes, pelo menos dois possuíam problemas comportamentais e de aprendizagem. A partir de conversas com esses alunos e também com a professora responsável, ficou esclarecido que os mesmos tinham problemas familiares que, para eles ainda não eram compreensíveis, era perceptível que tais fatos acabaram afetando, mesmo que involuntariamente, tanto o comportamento, quanto a aprendizagem escolar dessas crianças. Essa era ainda a fase inicial da vida escolar desses alunos, o que nos fez refletir em que medida tais problemas emocionais, como separação dos pais, abandono parental, falta de afeto, entre outros, se não forem amparados poderão afetar a vida dessas crianças a ponto de desenvolverem dificuldades mais contundentes com a aprendizagem escolar.

Biblarz (2000), citado por Nunes-Costa et.al (2009), aponta que, ao longo das últimas décadas, alguns estudos têm evidenciado que as crianças de pais separados apresentam menor motivação e rendimento escolar em relação a crianças de famílias intactas.

Mais concretamente, as crianças provenientes de famílias cujos pais estão separados seriam menos capazes de terminar tarefas escolares, teriam maiores dificuldades em concentrar-se nas tarefas complexas, piores resultados acadêmicos em matemática e em línguas, além de menor responsabilidade. (BERTRAM, 2006 *apud* NUNES-COSTA et al., 2009, p.390).

No contexto escolar atual, percebemos um elevado número de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. Segundo Rozek e Serra (2015), alguns achados em pesquisas internacionais também associam os problemas emocionais a problemas de aprendizagem.

(...) podemos dizer que existe uma associação importante e bastante significativa entre os problemas de aprendizagem e as dificuldades afetivo-emocionais nas crianças atendidas pelo serviço de atendimento psicopedagógico (n=50%). A relação com dificuldades orgânico-afetivas também demonstrou ser bastante representativa (n=26%). Se entendemos que problemas emocionais estão relacionados com ambas as categorias analisadas, então podemos dizer que 76% dos sujeitos atendidos no serviço são afetados por algum desses fatores. (ROZEK; SERRA, 2015 p. 173).

Diante dessa situação, precisamos nos perguntar o que têm feito às escolas frente ao desinteresse escolar e dificuldades de aprendizagem, cujas causas são em virtude de problemas emocionais, e, mais especificadamente, aqueles advindos do divórcio dos pais?

O estudo em questão é de extrema importância visto que, muitas vezes, nem as famílias e nem mesmo a escola demonstra estar preparadas para lidar tanto com os problemas emocionais advindos da separação dos pais, quanto com os potenciais problemas de aprendizagem que as crianças podem vir a ter.

A maioria dos divórcios acontece de forma traumática, onde os filhos são os maiores penalizados. Muitas crianças que não tinham problemas de aprendizagem passam a ter, muitas crianças que tinham boa relação social passam a apresentar problemas de relacionamento e socialização e isto é fruto da falta de maturidade dos pais para conduzir um processo tão delicado que é de ruptura. (SOUZA, 2014, p.06)

De acordo com Souza (2014), muitas crianças em idade escolar começam a ter desinteresse pela aprendizagem durante o período de separação dos pais e até mesmo por um longo tempo após o divórcio. Ainda segundo a autora, neste período a escola tem um papel muito importante, pois deve estar alerta aos sinais que a criança apresente, como forma de se antever ao fracasso escolar, deve também alertar os pais para as mudanças de comportamento e fazer os encaminhamentos necessários. “Em algumas separações, as crianças tornam-se muito agressivas e geram inúmeros problemas dentro do ambiente escolar. É preciso muita clareza da escola para entender o que ocorre” (SOUZA, 2014, p.07).

É relevante buscar responder e entender o problema apresentado visto que as instituições escolares possuem um importante papel quanto à ajuda e apoio aos problemas de aprendizagem advindos do divórcio dos pais. Este estudo também nos parece relevante para as acadêmicas do curso de pedagogia, tendo em vista que parte dos profissionais que estão se formando poderá lidar diretamente com essa situação em seus futuros espaços de trabalho.

Para desenvolver este trabalho, baseamo-nos numa pesquisa qualitativa, que por se tratar de uma “pesquisa que não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p.23).

Quanto ao objetivo da pesquisa, podemos classificá-la como explicativa, visto que “esse tipo de pesquisa se preocupa em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2007, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009. p 35.).

A revisão bibliográfica foi baseada em artigos e livros acadêmicos, cujos principais autores utilizados são: Áries (1981), Moreira (2010), Nunes-Costa (2009), Souza (2014), Almeida (2014), Tavares e Nogueira (2013) e Tiba (2002). Além da pesquisa de campo, também foi realizado um trabalho de campo por meio da aplicação de questionários, tanto para professores quanto para estudantes que vivenciaram o processo de separação em sua jornada escolar.

Para melhor apresentação dessa monografia, no próximo capítulo é apresentada a revisão bibliográfica, organizada em três tópicos: a primeira descreveu-se o contexto histórico sobre infância, família e escola, apresentando suas transformações desde a época medieval até a contemporânea. O segundo tópico perpassa por pontos como: impacto que o divórcio dos pais pode causar na aprendizagem da criança no ensino fundamental, se existe ou não uma relação de ausência de motivação, desinteresse e falta de socialização no momento em que a criança está passando por esse conflito, o que a escola faz diante do sofrimento emocional vivido pelo aluno que está passando esse sofrimento emocional, trazendo questões como: a escola está preparada para lidar e ajudar essa criança? A escola e professores ajudam esse educando que apresenta tais dificuldades? E por fim, para encerrar o capítulo, desenvolveram-se questões acerca das emoções, escola e aprendizagem onde foi assinalada a relação e importância desses para se aprender.

No capítulo três são apresentados os procedimentos metodológicos e análise de dados, no qual será mostrado o resultado da pesquisa de campo. E, por fim, no capítulo quatro, são apresentadas nossas conclusões a respeito da pesquisa retratada nesta monografia.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Importância da participação da família na aprendizagem escolar da criança

Para abordarmos os desafios que perpassam as famílias nos dias atuais, parece-nos necessário compreender como se deu a construção desta instituição. As famílias sofreram inúmeras modificações aos longos dos séculos. A família na época medieval “era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (ARIÉS, 2000, p.156 apud ALMEIDA, 2014, p.13).

Segundo Ariés (1981) as crianças eram vistas como pequenas miniaturas de adultos, quanto à aprendizagem havia certa “troca de famílias” os filhos eram enviados a outras casas para aprenderem, sendo essa a forma de educar naquela época. As pessoas não ficavam com suas crianças em casa, e às vezes firmavam isso através de um contrato, isso era necessário para aprenderem a serem cavaleiros, um ofício e também para que fossem à escola e aprendesse as letras latinas:

Assim, o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular; a participação na vida profissional - expressão bastante anacrônica, aliás - acarretava a participação na vida privada, com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir. (ARIÉS, 1981, p.218).

E a escola era na realidade uma exceção. O fato de mais tarde ela ter-se estendida a toda a sociedade não justifica descrever através dela a educação medieval: seria considerar a exceção como a regra. A regra comum a todos era a aprendizagem realizada na prática social (ARIÉS, 1981, p.219). Ainda segundo o autor, o serviço fazia parte da educação independente das condições financeiras de cada família, “(...) pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviava assim suas crianças para casas alheias, enquanto recebem em seu próprio lar crianças estranhas” (ARIÉS, 1981, p.215).

Era através da participação familiar das crianças na vida dos adultos que se transmitia o conhecimento, através desse contato com a vida adulta, segundo Ariés (1981), as crianças aprendiam a viver.

Nessas condições, a criança desde muito cedo escapava à sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, depois de adulta, o que nem sempre acontecia. A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Isso não significava que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do

que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a "casa" dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais tempo do que em sua própria casa (às vezes nem ao menos tinham uma casa, eram vagabundos sem eira nem beira, verdadeiros mendigos). Nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem. (ARIÉS, 1981, p.221)

O autor relata que, a partir do século XV, os sentimentos familiares começam a mudar, mesmo que lentamente, a educação escolar é estendida, e, se na idade média a educação se dava através de uma família que não era sua, a partir da modernidade a educação passou a vir da escola, que já não era mais somente para os clérigos, mas passou a ter um caráter de iniciação social, de passagem da infância ao mundo adulto. Esse avanço se deu por parte dos educadores visto que a criança deveria ser tratada como tal e não como adultos em miniatura, outro fator para esse avanço se deu pela preocupação dos pais de vigiar seus filhos, de estar mais perto deles, dessa forma não os abandonava mais aos cuidados de outras famílias.

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança. Esta não ficou porém desde o início junto com seus pais: deixava-os para ir a uma escola distante, embora no século XVII se discutissem as vantagens de se mandar a criança para o colégio e muitos defendessem a maior eficácia de uma educação em casa, com um preceptor. Mas o afastamento do escolar não tinha o mesmo caráter e não durava tanto quanto a separação do aprendiz. A criança geralmente não era interna no colégio. Morava num pensionato particular ou na casa do mestre. Nos dias de feira, traziam-lhe dinheiro e provisões. (ARIÉS, 1981, p.222).

Ainda segundo o autor, os tratados sobre educação do século XVII exigiam dos pais a escolha pelo colégio e do preceptor e a supervisão de lições quando a criança ia dormir em sua própria casa. Este afastamento que era necessário por causa dos colégios não seria tolerado pelos pais por muito tempo, dessa forma cresce o número de instituições escolares em busca de estar mais perto dos filhos.

“Mais tarde a reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos”. (ARIÉS, 1981, p. 259).

Houve evolução da família medieval para a moderna, entretanto, as famílias mais pobres e numerosas ainda viviam como as medievais, ou seja, com as crianças longe de seus pais, mas a partir do século XVIII o modelo da família moderna se estendeu a todas as camadas.

Os mitos, como o do amor cortês (ou precioso), desprezavam o casamento, enquanto as realidades como a aprendizagem das crianças afrouxavam o laço afetivo entre pais e filhos. Podemos imaginar a família moderna sem amor, mas a preocupação com a criança e a necessidade de sua presença estão enraizadas nela. A civilização medieval havia esquecido a Paidéia dos antigos, e ainda ignorava a educação dos modernos. Este é o fato essencial: ela não tinha ideia da educação.

Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso de seu sistema educacional. Ela possui um sistema de educação, uma consciência de sua importância. (ARIÉS, 1981, p. 270).

“A família moderna correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o modo de vida”. (ARIÉS, 1981, p. 272). No início da modernidade reapareceu a preocupação com a educação, esse interesse animou certo número de eclesiásticos e juristas ainda raros no século XV, “mas cada vez mais numerosos e influentes nos séculos XVI e XVII, quando se confundiram com os partidários da reforma religiosa” (ARIÉS, 1981, p. 271). Esses reformadores trouxeram influência sobre a vida da escola e da família. Neste período a igreja teve seu papel para moralização da sociedade.

[...] enquanto a Igreja, apesar de sua repugnância, há muito se havia resignado a ela, e incitava os fiéis a procurar sua salvação longe deste mundo pagão, no retiro dos claustros. Iniciou-se então uma verdadeira moralização da sociedade: o aspecto moral da religião pouco a pouco começou a prevalecer na prática sobre o aspecto sacro ou escatológico. Foi assim que esses campeões de uma ordem moral foram levados a reconhecer a importância da educação. Constatamos sua influência sobre a história da escola, a transformação da escola livre em colégio vigiado. (ARIÉS, 1981, p. 271).

A partir daí o ensino dos jesuítas ou dos oratorianos não se dirigia mais aos adultos, mas eram reservados as crianças e jovens. “Essa literatura, essa propaganda, ensinaram aos pais que eles eram guardiães espirituais, que eram responsáveis perante Deus pela alma, e até mesmo, no final, pelo corpo de seus filhos” (ARIÉS, 1981, p. 271).

Diante disso, começou a se ter outro olhar para a criança demonstrando que elas não eram maduras para a vida e que era preciso um regime especial antes de unir-se com os adultos, pouco a pouco essa nova preocupação com a educação começou a se instaurar na sociedade a ponto de transformá-la.

A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas. Entre a geração física e a instituição jurídica existia um hiato, que a educação iria preencher. O cuidado dispensado às crianças passou a inspirar sentimentos novos uma afetividade nova que a iconografia do século XVII exprimiu com insistência e gosto: o sentimento moderno da família. Os pais não se contentavam

mais em pôr filhos no mundo, em estabelecer apenas alguns deles, desinteressando-se dos outros. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, e não apenas ao mais velho - e, no fim do século XVII, até mesmo às meninas - uma preparação para a vida. Ficou convencionado que essa preparação fosse assegurada pela escola. (ARIÉS, 1981, p. 273).

Ainda segundo o autor a aprendizagem social tradicional foi substituída pela escola, uma escola transformada em instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política. Todo o desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. As lições dos moralistas lhes ensinavam que era seu dever enviar as crianças bem cedo à escola:

Os pais, diz um texto de 1602, que se preocupam com a educação de suas crianças (eros erudiendos) merecem mais respeito do que aqueles que se contentam em pô-las no mundo. Eles lhes dão não apenas a vida, mas uma vida boa e santa. “Por esse motivo, esses pais têm razão em enviar seus filhos, desde a mais tenra idade, ao mercado da verdadeira sabedoria”, ou seja, ao colégio, “onde eles se tornarão os artificies de sua própria fortuna, os ornamentos da pátria, da família e dos amigos”. A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Inflingiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria do minar a sociedade a partir do século XVIII. É fácil compreender que essa invasão das sensibilidades pela infância tenha resultado nos fenômenos hoje melhor conhecidos do malthusianismo ou do controle da natalidade. Este último surgiu no século XVIII, no momento em que a família acabava de se reorganizar em torno da criança e erguia entre ela mesma e a sociedade o muro da vida privada. (ARIÉS, 1981, p. 273).

Portanto, segundo Tavares e Nogueira (2013) a partir das mudanças com o início da modernidade, as crianças passam a ter outro sentido para os pais, perdendo a imagem de adulto e, com isso, a educação começa a ser objetivo das famílias. Entretanto, essa centralização da educação a princípio era somente dos nobres ou dos mais abastados economicamente.

Na modernidade, temos a consolidação da família nuclear, gerada no interior de um modelo de família conservadora, símbolo da continuidade parental e patriarcal que marca a relação pai, mãe e criança. A preocupação da família com a educação da criança produziu mudanças nas dinâmicas familiares e, conseqüentemente, houve a necessidade da imposição de regras e normas para uma nova educação, na qual a criança passa a ser objeto de controle familiar ou do grupo social em que está inserida. (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p.45).

Ainda segundo as autoras, nos séculos que se seguiram, a escola passa a se tornar o objetivo central nos projetos familiares, no século XX, após a segunda guerra, alguns países passaram por um processo de reconstrução “e, a partir daí, tendo em vista a necessidade de investir nos processos educacionais, surgiu um grande interesse dos governos e dos cientistas sociais em

compreender as relações entre sistema escolar e família para desvelar os problemas educacionais vigentes.” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p.45 e 46).

De acordo com Paschoal e Machado (2009), citado por Mota (s.d), durante muito tempo a educação foi de responsabilidade da família e com ela se aprendia normas e regras da sua cultura e participava das tradições. Na sociedade contemporânea, essa responsabilidade passou a ser dividida com a escola, ambiente de socialização no qual a criança aprende sobre sua cultura convivendo e interagindo com seus pares.

É importante destacar que também durante os séculos seguintes os modelos de família se alteraram e passam existir novos arranjos familiares:

Outras constatações importantes dessas pesquisas são as de que não existe um único modelo de família e que as famílias não podem ser definidas apenas pela sua posição no espaço social, ou seja, por sua classe social. Ao contrário, cada família tem dinâmica e configuração próprias, marcadas pelos modos de relação intrafamiliar que são alterados e modificados histórica e culturalmente. O olhar dos pesquisadores passa a focalizar, a partir da década de 1980, o interior das famílias. Esses estudos possibilitaram compreender as famílias através de conceitos como “o exercício da autoridade parental” e “dinâmicas familiares”. (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p.47).

Ainda de acordo com as autoras a escola também teve reflexos desse processo de reconfiguração da relação com a família. Houve muitas mudanças na legislação, métodos pedagógicos, currículo e tudo isso influencia na vida familiar do aluno, principalmente a partir da segunda metade do século XX em razão das mudanças vindas das discussões pedagógicas, que foram iniciadas no final do século XIX. Diante dessas mudanças o aluno passou a ser o centro do processo de ensino, o processo educativo passou a ser dividido entre família e escola, pois o aluno passa a ser participante ativo da aprendizagem, para que isso seja possível à escola precisa conhecer a realidade do aluno incluindo assim conhecer a sua família para estar mais próxima da criança. “Portanto, família e escola participam de um processo gradativo de aproximação, motivado pela necessidade do contexto social de cada época específica.” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p.48).

As mudanças escolares e familiares são constantes, e no século XXI não está sendo diferente. Almeida (2012) destaca que a geração contemporânea reflete uma notável perda dos valores sociais e familiares, “os membros da família estão cada vez mais distantes, os meios de comunicação estão cada vez mais avançado e vem tomando o espaço do contato físico, os membros da família se fecham no seu mundo tecnológico, televisão, internet, rádio, videogame, etc.” (ALMEIDA, 2012, p.04).

É imprescindível que a família volte a ocupar o lugar que lhes é de direito e obrigação de educar os filhos. Mesmo com tanta evolução e distorção de condutas corretas; os pais precisam encontrar espaço neste mundo da tecnologia, pra ensinar valores indispensáveis para a formação do ser humano, como amor, respeito, companheirismo, dignidade, paz, honestidade e etc. "A família, a escola, a Universidade e a sociedade em geral não podem prescindir de seu compromisso social de colaborar na implantação do bem estar social e assim coibir o espaço de avalanche contra os valores, muitas vezes amparados pela influência incontestável dos meios de comunicação sócia". (ENRICONE, 1992, p.5, apud ALMEILDA,2012, p.5).

Da mesma forma, as mudanças escolares quanto às legislações, métodos e currículos ainda continuam na escola. Se no século passado a educação passa a ser dividida entre família e escola, na contemporaneidade não é diferente, no entanto com as mudanças culturais e de valores, segundo Almeida (2012), a família cobra da escola o papel que pertence a ela fazer.

Consequentemente o que vemos é que os pais cobram da escola o papel que na verdade cabe a eles. Cada vez mais deixam suas responsabilidades para "outros" como educação, afeto, valores e regras. Essas crianças vêm para a escola sem limites, dificultando o trabalho do professor e o convívio com os colegas. "Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos, e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam" (TIBA, 2006, p. 116, apud ALMEIDA, 2012, p.04).

A autora pondera que o ambiente familiar é indispensável para o desenvolvimento da criança, visto que é nesse ambiente que elas serão expostas a um grande número de situações, e que através disso ela desenvolverá seus esquemas conceituais. "A escola pode ajudar a família a ter essa consciência e a promover um ambiente estimulador" (RAPPAPORT, 1982, apud SERRA, 2004, p.3, apud ALMEIDA, 2012, p.04).

Em razão dessas mudanças vindas a partir do final do século XX, que trazem a ideia do aluno como centro da aprendizagem é preciso que escola e família andem juntas, para assim o professor compreender a realidade do aluno. Segundo Crepaldi (2017), é a através da família que o indivíduo constrói uma boa estrutura social, pois é no espaço familiar que a criança tem a primeira ideia de relacionamento, o que será ampliado para a escola e por fim para a sociedade. Batista et al. (2016) enfatizam que a responsabilidade que a família tem quanto às crianças das séries iniciais do ensino fundamental é em relação ao desempenho de seus papéis sociais, a chamada educação primária. Ainda segundo os autores, Escola e família têm suas diferenças, mas se complementam.

Cruz (1996), citado por Silva (2015), assegura que o acompanhamento da família no processo de desenvolvimento dos filhos é essencial, mas para isso os pais precisam se aproximar da criança, pois faz com que ela se sinta amada e compreendida e isso irá fazer com que elas não apresentem dificuldades. Os pais têm muito a contribuir na educação em geral e no processo de aprendizagem de seus filhos, pois possuem conhecimento sobre o desenvolvimento de seu filho, o que consequentemente vai ajudar a compreender suas necessidades educacionais, como também seus interesses e essas informações contribuem para a aprendizagem escolar.

A família necessita estabelecer uma relação de parceria com a escola, contribuindo com o aprendizado e o desenvolvimento do aluno, pois é através dessa parceria que é possível garantir uma educação de qualidade. No entanto, também não se pode continuar ignorando a importância básica da família na formação e educação de crianças e adolescentes. E esta sintonia entre ambas se torna um elemento facilitador para que a vida escolar seja vivenciada com maior tranquilidade, deste modo, os pais podem transmitir segurança a seus filhos e, consequentemente, facilitar o processo de adaptação. A família, por sua vez, também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as "atitudes destes frente às emergências de autoria do aprendiz, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos" (FERNÁNDEZ, 2001 apud SILVA, 2015, s/p.).

A atualidade trouxe consigo a compreensão acerca dos benefícios que o acompanhamento familiar pode trazer para a aprendizagem escolar do indivíduo, nem a família vive sem a escola e nem a escola sem a família.

2.2 Impactos da separação dos pais na aprendizagem escolar da criança no ensino fundamental

Segundo Almeida et al. (2000), o divórcio conjugal vem crescendo consideravelmente na contemporaneidade, e pode trazer inúmeras consequências aos que estão envolvidos. O divórcio acarreta mudanças que geram estresse nos relacionamentos familiares, as quais interferem no ajustamento das crianças e podem alterar as etapas normais de seu desenvolvimento. “O bem-estar emocional das crianças e sua adaptação social são os mais afetados pela experiência do divórcio” (TSCHANN et.al., 1989 apud ALMEIDA et.al., 2000 p.32). Os autores mencionam que no caso do divórcio os principais ocasionadores de estresse estão relacionados ao “conflito tanto antes quanto depois da separação, ao relacionamento problemático com um ou ambos os pais e à perda de contato ou diminuição do mesmo com um dos pais, geralmente com o pai”. (ALMEIDA et al. 2000 p.32).

Vale destacar que em muitos casos as crianças já sofrem o estresse familiar por meio dos conflitos parentais até mesmo antes da concretização do divórcio, nesse trabalho em questão estamos tratando acerca do estresse e problemas causados após a separação dos genitores visto que conforme Nunes-Costa et al. (2009) destacam o ajustamento familiar negativo na fase de adaptação pós-divórcio é que podem ter impacto na resposta de estresse desses filhos.

A experiência de separação dos pais resulta na diminuição do bem-estar individual e familiar em crianças. A literatura é consistente em evidenciar que a maioria das crianças diminui os resultados desenvolvimentais nos 2 primeiros anos seguintes à dissolução conjugal. Todavia, esses problemas de adaptação tendem a ser transitórios e podem não ter impacto significativo no percurso desenvolvimental futuro da criança. Uma relação parental conflituosa já é, por si só, um fator de risco suficiente para gerar um elevado grau de estresse. No entanto, a maior parte das investigações na área apontam para mais fatores de risco para um ajustamento negativo no processo de separação, tais como as alterações no nível socioeconômico familiar, a diminuição no contato com o progenitor que não detém o pátrio poder e o conflito interparental. Todos esses fatores, habitualmente transversais ao processo de separação, podem ter impacto na resposta de estresse e, posteriormente, na saúde física e psicológica das crianças que se vêm envolvidas nessa reorganização do sistema familiar. (NUNES-COSTA et.al. 2009, p.386).

É importante frisar também que o divórcio dos pais pode ser uma forma de saída para aliviar conflitos que já ocorriam em casa, entretanto essa situação ainda assim como descreve o autor, acarreta estresse e dificuldades para a criança.

O conflito interparental comum ao processo de separação e ao período que o antecede é indicado nas meta-análises de Amato, como o maior estressor para a criança. Atualmente, é empiricamente estabelecido que o conflito entre os pais é a principal dimensão envolvida na má adaptação dos filhos à sua separação. Por outras palavras, um ambiente de conflito interparental, independentemente da forma como se manifesta – raiva, hostilidade e desconfiança, linguagem agressiva, agressão física, dificuldades de cooperação nos cuidados e comunicação com os filhos – cria uma atmosfera em que a criança experiencia elevados níveis de estresse, insatisfação e insegurança. Outros estudos demonstram que o conflito interparental resulta numa deterioração na relação pais-filho. Por outro lado, a separação pode ser uma possibilidade de evasão de um clima de conflito interparental, apesar de que a diminuição do grau de conflito tende a evidenciar-se, na maioria dos casos, apenas depois do primeiro ano pós-separação. (NUNES-COSTA et. al. 2009, p.389).

Em seu livro “Quem ama, educa”, Tiba (2002) destaca que quando o casal não possui filhos, o processo de separação é tão simples quanto o fim de um namoro, o casal sofre, mas não possui outras pessoas envolvidas, e quanto aos bens à separação já está prevista no contrato de casamento. No entanto, quando o casal tem filhos, a situação fica muito complicada. Assim, o autor orienta que os pais devem conversar com os filhos e seguir algumas regras básicas:

Explicar o motivo da separação (sem entrar em muitos detalhes nem em questões subjetivas). Informar quando e como será (informações práticas). Explicar o que

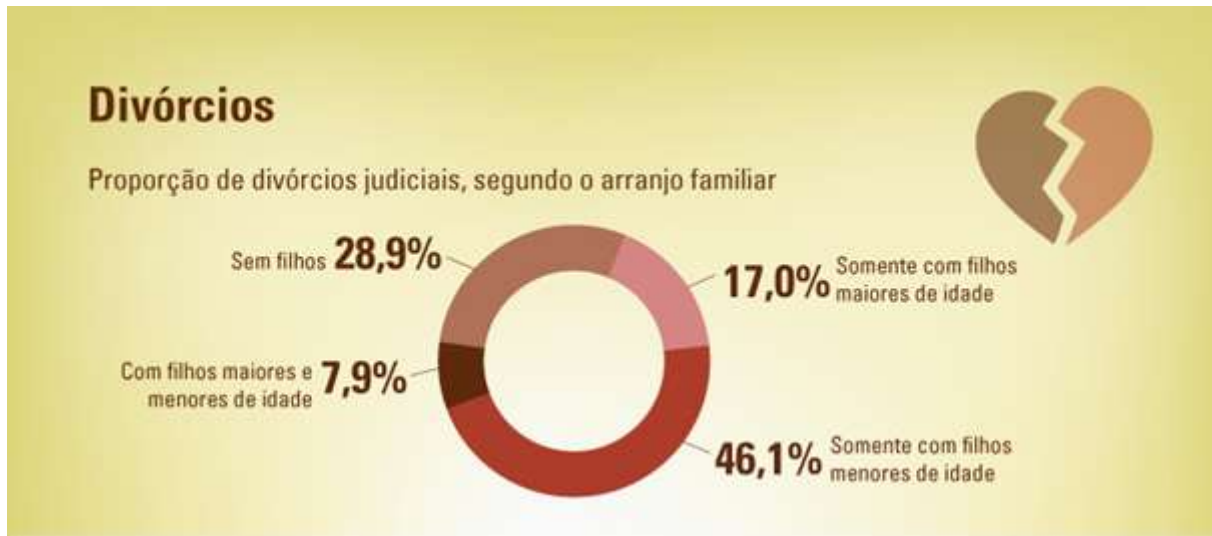
acontecerá com eles (sem responsabilizá-los nem os envolver, estando, porém, abertos a ouvir seus desejos). Dar guarida a todos os sentimentos. Responder a todas as perguntas pertinentes. Reforçar o fato de que não serão ex-pai nem ex-mãe. O melhor momento para falar da separação com os filhos é depois de ela ser decidida e assumida pelo casal. Não é o que costuma acontecer. Geralmente um dos cônjuges está secretamente envolvido com outra pessoa e vai saindo de casa aos poucos. Talvez o outro tenha percebido há tempos, mas, para não prejudicar os filhos, sofre calado. Contudo há situações em que toda a família é surpreendida. (TIBA, 2002, p.125 e 126)

O autor acrescenta que, embora afetados, os filhos não devem vivenciar a situação conjugal, o melhor lugar para ter essa conversa é a própria casa, sem interrupções de qualquer natureza. É importante reservar bastante tempo, para que todos os filhos sejam ouvidos. “Não se deve interromper o fluxo das emoções — raiva, culpa, lágrimas ou agressividade têm de ser expressas” (TIBA, 2002, p 126).

Na maioria das vezes, ao receber a notícia, os filhos aceitam, mas é importante os pais observarem as reações subsequentes através do comportamento dos filhos, pois elas podem ser inesperadas, como queda no rendimento escolar, grande apatia, insônia, isolamento e até mesmo somatizações como dores de cabeça, estômago e mau funcionamento intestinal. “Tudo pode doer. É o corpo chorando as lágrimas que os olhos contiveram” (TIBA, 2002, p 127). Mas o autor pondera que não é possível evitar o sofrimento advindo da separação dos pais.

A figura a seguir mostra uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) nos anos de 2016 e 2017, onde mostra o número de divórcios judiciais. É possível identificar que mais de 50% dos casos de separação acontecem em famílias que possuem filhos menores de idade.

Figura 1- Proporção de divórcios judiciais, segundo o arranjo familiar.



Fonte: IBGE. Estatísticas de Registro Civil 2017.

Através desses dados podemos perceber que o problema relacionado com a aprendizagem, advindo da separação de pais com crianças em idade escolar, pode ser muito grande, visto que em mais de 50% dos divórcios, os casais possuem filhos menores.

Souza (2014) menciona que, em relação à criança, cada idade apresentará comportamentos diferentes e ao mesmo tempo muito próximos da realidade que involuntariamente elas tentam desabafar. “Crianças que tinham comportamentos normais passam a enfrentar problemas dentro do ambiente escolar, como reflexo do que estava acontecendo em casa com a separação de seus pais”. (SOUZA, 2014, p.8).

Em uma pesquisa de observação feita por essa mesma autora, ela cita o comportamento de um adolescente de 13 anos e de sua irmã de 5 anos, ambos estudam em determinada escola desde o início da vida escolar, passaram a mudar drasticamente o comportamento social dentro da escola durante o processo de separação dos pais.

O adolescente sempre foi uma criança estudiosa, ligada a artes, desenhos e música. Se destacava por seu humor saudável, sensibilidade e suavidade. Passou a usar vocabulário grosseiro, interagir menos, tornou-se violento e seu rendimento escolar caiu consideravelmente. A criança de 5 anos sempre foi muito dócil e social, mas passou a apresentar comportamento avesso. Com frequência rasgava suas tarefas, quebrava seus materiais. Seu traçado na escrita e desenho passou a ficar muito forte durante as tarefas, demonstrando tensão, tristeza e raiva. Durante as atividades de colorir ela passou a escolher cores fortes e escuras e se isolava do resto das crianças. (SOUZA, 2014, p.9).

Em outra pesquisa, feita por Moreira (2010), em uma escola de Ensino Fundamental, foram entrevistadas quatro professoras, e a maioria das entrevistadas afirma que já teve ou tem casos de alunos com pais separados na sala de aula.

A professora C inclusive relata que na atual turma que leciona “praticamente metade da turma são filhos de pais separados”. Quando questionadas sobre a relação entre separação e o rendimento escolar dos filhos, todas as professoras colocaram que depende muito da maneira como acontece a separação. Quando a separação acontece durante o ano letivo, segundo duas professoras entrevistadas, o aluno fica mais disperso e sem concentração. Por exemplo: “Faz uns dois meses que eu percebi uma queda no rendimento dela nas atividades. Meu Deus deve estar acontecendo alguma coisa. Um dia ela chegou e disse, ai professora hoje eu estou triste, porque meus pais estão separando de novo. Agora eles voltaram e o rendimento dela voltou ao normal. É uma excelente aluna como já era antes, foi o que mais me marcou assim.” (PROFESSORA C). (MOREIRA, 2010, p.39).

Segundo Benaventes et al. (1982) citado por Leite (2015) “[...] o fracasso escolar que pode ser causado pelos problemas de aprendizagem da criança é antes um insucesso do adulto que não resolve seus problemas”. (p.49), o autor também afirma que é notório que a vida familiar está relacionada ao sucesso escolar da criança.

Mas e as escolas? Como podem colaborar neste processo? É o que discutiremos no próximo tópico.

2.3 Estratégias utilizadas pelas escolas para minimizar o impacto sobre o processo de aprendizagem do aluno que teve sofrimento emocional causado pela separação dos pais

Souza (2015, p. 7) afirma que “muitas crianças em idade escolar começam a fracassar na aprendizagem durante o período de separação dos pais e até mesmo por um longo tempo após o divórcio. É o elo que se perde, o porto seguro que já não existe.”. A autora afirma ainda que a escola tem um papel muito importante neste período, porque ela precisa estar alerta aos sinais que o aluno dá, principalmente por meio de seu rendimento, tornando-se de extrema importância que a escola alerte os pais para o que está acontecendo, e posteriormente faça os encaminhamentos necessários. É importante também um profissional psicopedagogo junto aos especialistas, pois este profissional ajudará a encontrar meios para ajudar a criança.

Percebemos que dependendo da idade da criança no momento da separação dos pais, as dificuldades de adaptação serão diferenciadas umas das outras. Amigos e familiares além da escola, deverão estar percebendo tais dificuldades. A intervenção da escola e os encaminhamentos oferecidos pelo psicopedagogo da instituição são primordiais para evitar um dano maior na vida escolar delas. O psicopedagogo deve inclusive realizar entrevistas com os pais para então tentar ajudar a criança bem como alertar o

ex casal para responsabilidade igualitária de ambos sobre a vida escolar, emocional e social dos filhos. (SOUZA,2015, p.8)

Moreira (2010) declara que o professor tem um papel fundamental na vida do aluno um desses papéis é o de ser mediador do conhecimento e incentivar a criticidade do aluno para que ele possa desenvolver sua percepção e se insira melhor ao meio social em que vive. Nesses casos mais difíceis, é preciso que os professores tenham conhecimento e discernimento para tentarem servir de mediação da aprendizagem. Os professores podem conduzir, examinando formas de interpor aos problemas apresentados pelos alunos de pais separados. “O diálogo, a aceitação e o acolhimento, na maioria das vezes, são aceitos pelas crianças e trazem um retorno significativo para o rendimento na aprendizagem das mesmas”. (MOREIRA, 2010, p.40).

Oliveira (2008), citado por Moreira (2010), afirma “se assim ocorrer, a família terá no professor alguém que lhe ajude a pensar sobre seu próprio filho e a se fortalecer como recurso privilegiado do desenvolvimento infantil” (p.40).

A forma com que as professoras intervêm na vida dos alunos quando estes apresentam conflitos, é muito importante para que se sintam mais compreendidos em todos os aspectos que constituem o processo do rendimento escolar. Para os pais, é de grande valia que o professor estabeleça uma relação de compreensão e de afetividade sem deixar de lado o seu compromisso com o desenvolvimento da criança, o que possibilitará um ambiente favorável para elas poderem interagir de forma positiva perante aos problemas apresentados. (MOREIRA, 2010, p.41).

Ainda de acordo com a pesquisa feita por Moreira (2010), em relação à intervenção que as professoras fazem mediante os conflitos emocionais vividos pelos alunos com pais separados, a professora D diz que procura conversar com a criança, e que isso se torna melhor quando o diálogo ocorre.

[...] eu converso, coloco a situação de os pais estarem separados, e que independente disso você continua tendo o teu pai e a tua mãe. Até tem diversas mães que vêm e agradecem dizendo que realmente depois da conversa, o filho muda, percebe que não é só ele que tem pais separados, outros colegas também têm, outras pessoas têm. (MOREIRA, 2010, p.41).

A autora também destaca a importância da gestão escolar nesses momentos, pois a mesma pode intermediar esses conflitos, principalmente quando os pais procuram por ajuda. E quando não procuram é importante que eles, como já mencionado, façam uma reunião com os pais e em conjunto ajudem a criança tanto no seu âmbito social, quanto no escolar visto que a escola e a família não podem trabalhar individualmente. É importante nesses momentos que as duas

entendam seus papéis na vida da criança para que conseqüentemente esses conflitos não se concretizem como fracasso escolar.

Isso acontece porque a escola e a família são agentes essenciais para a formação dos indivíduos, sendo assim, a parceria entre família e escola contribui não só para o cognitivo da criança, mas também para a construção do seu caráter e personalidade. De acordo com Almeida e Mohoney (2007), “nossas atividades educacionais, principalmente na sala de aula, não era só o cognitivo que deveria ser considerado, mas também o afetivo, e que o investimento nesse aspecto favorece as relações interpessoais e, portanto, o acesso ao conhecimento.” (p.15).

De forma sociocultural os professores têm importantes papéis de mediadores dos seus alunos, essas mediações afetivas são determinadoras na relação com sujeito. Almeida (1999) afirma que,

[...] a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar os seres e as coisas. Esse conhecimento do mundo decorre da transformação do real em mental, isto é, da capacidade do homem de representar o mundo concreto. (p.51)

Para que a criança possa descobrir e reinventar sua visão do que é o mundo, ela precisa do auxílio tanto da família, quanto da escola e professores, neste percurso de descobertas e novos ciclos se faz necessário paciência e afeto. Dessa forma, essa trajetória se torna mais branda e interessante.

[...] a questão é devolver à criança este prazer de aprender, o prazer de resolver um problema, o prazer do tipo olímpico (no sentido de olimpíadas mesmo) de poder ganhar do problema. O problema é o desafio, o assunto é a alegria ou a força com a qual a criança toma o desafio e luta para solucionar o problema. (PAÍN, 2000, p.23-24.)

Quando se tem prazer em aprender ou fazer algo, aquilo se torna mais interessante e curioso para o indivíduo, dessa forma quando se utiliza se instiga o educando o desejo em aprender por meio práticas afetivas e lúdicas o educador consegue se aproximar e chamar a atenção do aluno, para o que ele quer expressar e ensinar.

O período escolar não contribui apenas para a aprendizagem da língua portuguesa e da matemática, contribui também para a formação do indivíduo e deixa marcas importantes, em relação ao convívio com os colegas e profissionais da educação. Como conceitua Louro (2007),

[...] as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia-a-dia, experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. (p. 18-19).

Se o indivíduo obtém uma experiência agradável dentro do ambiente escolar, mesmo que sua realidade externa com a família seja um caos, claramente vai conseguir acreditar em coisas e sentimentos diferentes daquilo que ele recebe no seu dia a dia com a família, assim conseguirá expressar afeto, tanto para seus colegas de classe, como para familiares e os demais do seu convívio cotidiano.

Dessa forma se o professor tiver práticas educacionais acolhedoras, o mesmo irá atender não só a expectativa educacional, mas também familiar de acordo com RCNEI (1998) “[...] professores que estejam comprometidos com a prática educacional, capazes de responder às demandas familiares e das crianças, assim como às questões específicas relativas aos cuidados e aprendizagens infantis” (p. 41).

Sendo assim, a importância das práticas socioemocionais dentro de sala de aula, toma tamanha proporção para se alcançar não só o aprendizado dos alunos, mas também a formação do caráter e da cognição da criança.

O que se entende é que o dever do educador é apresentar para o educando as várias formas de ver o mundo e os seus problemas. De acordo com Freire (1997),

Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando presenças marcantes no mundo. (p. 47).

Através dessa interação, surgem práticas que podem auxiliar na educação do indivíduo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, p. 1).

É de suma importância que o educador tenha um preparo para lidar com crianças que passam por conflitos familiares. No campo da BNCC “O eu, o outro e nós” explica que:

[...]Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos. [...] Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir [...] comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos. [...] Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto. (BRASIL, 2017, p.3)

Essas e outras orientações da BNCC auxiliam o professor a ter um embasamento em seu plano de aula de forma a atingir com afeto e compreensão as especificidades dos alunos e aumentar as chances de se alcançar as expectativas em seu planejamento.

Portanto, as práticas educacionais dependem de diversos fatores, mas o principal deles, diante das reflexões anteriores, depende na maior parte do tempo do profissional da educação ter um conhecimento sobre os problemas emocionais e afetivos, que possam ocorrer no decorrer da trajetória de seus alunos e como ele pode contribuir para a resolução ou minimização dos impactos que podem causar na vida do educando.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Como citado na introdução, além da revisão bibliográfica, também foi realizado um trabalho de campo por meio da aplicação de questionários, tanto para professores quanto para estudantes que vivenciaram o processo de separação em sua jornada escolar. Os questionários elaborados estão disponíveis no apêndice desta monografia. O destinado aos professores possui oito questões, e o questionário destinado aos alunos possui seis questões, e foram organizados no Formulários do Google e aplicados entre os dias 28 de abril a 11 de maio do ano de 2021. Todas as questões foram voltadas para identificar se a separação dos pais, em idade escolar dos filhos causou algum impacto sobre o aprendizado dos mesmos e se as escolas contribuem na aprendizagem dos alunos que sofrem emocionalmente pela separação dos pais.

3.1 Análise das respostas dos estudantes

O questionário voltado para os estudantes foi respondido por oito jovens, todos com maior idade e, para que a pesquisa alcançasse o objetivo, foi preciso que os mesmos respondessem com base na experiência que obtiveram em idade escolar.

Os questionários aplicados nesta pesquisa resultaram em respostas qualitativas e respostas descritivas. A primeira pergunta para o grupo foi o sexo a qual pertenciam. Apesar de ter sido enviado também para indivíduos do sexo masculino, apenas as mulheres responderam o questionário. De acordo com Hetherington e Kelly (2002) citado por Hack e Ramires (2010):

O ajustamento do menino é complicado com a perda da presença da figura masculina, mais frequente na nossa cultura. As meninas são consideradas mais resilientes face aos estressores da disrupção do casal, mas não estão isentas de dificuldades (p. 06).

Visto que as meninas são consideradas circunspectas para lidarem com assuntos afetivos, mas não isentas de sentirem ou passarem por dificuldades diante deles, talvez se justifique o fato de o questionário ser respondido integralmente por mulheres.

A pergunta seguinte diz respeito a qual idade os entrevistados possuíam quando a separação dos seus pais ocorreu, quatro jovens responderam que tinham idade entre 11 e 15 anos, três tinham idade menor que seis anos e uma pessoa entre seis e dez anos de idade. Nessas respostas percebemos o fator apontado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) onde numa pesquisa feita em 2019 sobre os números de divórcios, foi notado que em mais de 50% dos casos de separação os filhos são menores de idade.

Quando perguntados em qual série se encontravam quando seus pais se divorciaram, quatro das entrevistadas disseram estar nos anos finais do ensino fundamental, entre sétimo e nono ano, duas não haviam iniciado a idade escolar e duas estavam nos anos iniciais.

Questionadas se passaram a ter dificuldades nos seus estudos quando vivenciaram o processo de separação dos pais e se consideraram que o desenvolvimento escolar foi afetado, quatro pessoas destacaram que não, enquanto quatro disseram que sim, uma delas destaca: “Sim, pois eu ficava a maior parte do tempo sozinha e tive que aprender tudo sozinha, repeti de ano 2 vezes e foram anos super difíceis pois eu estava totalmente sozinha.”, concordando com os autores Nazareth (2004) apud Cervený (2002) citado por Cano et.al. (2009), que relatam as consequências do divórcio para os envolvidos, e destacam que mesmo sendo consensual “acarretam sentimento de perda, solidão, vazio e tristeza, características que permeiam o período pós-divórcio.” (p.219).

[...] às mudanças na vida, isto é, mudanças de moradia, de cidade, de escola, de transporte escolar, enfim, mudanças na rotina diária, e, ainda, mudanças nos relacionamentos - com os pais e com os irmãos. Relataram, ademais, aproximação e/ou afastamento da família materna e paterna, afastamento de amigos do pai e/ou da mãe, e perda de amigos. (p.219).

As duas seguintes indagações foram em relação ao âmbito escolar, foi questionado se as alunas tiveram algum apoio vindo da escola ou dos profissionais, e a resposta foi de 100% que não obtiveram ajuda da escola e nem dos profissionais da comunidade escolar. Como afirma uma entrevistada: “Não, inclusive tive alguns professores horríveis, que não tinham o mínimo de empatia” indo de forma contrária ao que recomenda o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 2008):

(...) a atmosfera criada pelos adultos precisa ter um forte componente afetivo. As crianças só se desenvolverão bem, caso o clima institucional esteja em condições de proporcionar-lhes segurança, tranquilidade e alegria. Adultos amigáveis, que escutam as necessidades das crianças e, com afeto, atendem a elas, constituem-se em um primeiro passo para criar um bom clima. As crianças precisam ser respeitadas em suas diferenças individuais, ajudadas em seus conflitos por adultos que sabem sobre seu comportamento, entendem suas frustrações, possibilitando-lhes limites claros. Os adultos devem respeitar o desenvolvimento das crianças e encorajá-las em sua curiosidade, valorizando seus esforços. (BRASIL, 2008, p. 66)

Cabe ao educador se adaptar a essas situações das crianças, já que as mesmas estão vulnerabilizadas, em constante mudança de humor e aprendizado, e direcioná-las de modo a possibilitar a aprendizagem emocional das crianças. Sem contar que esses momentos de externalização, se bem trabalhados, podem ajudar no ensino aprendizagem dentro de sala de aula.

As entrevistadas ainda foram questionadas em como a escola poderia ter ajudado nesse processo de separação dos pais? Uma jovem respondeu que não lembra, se a escola a ajudou, três responderam que a escola poderia ter sido mais acolhedora; outras três responderam que a escola poderia ter conversado com elas sobre a situação e procurado saber sobre a família de cada uma; por fim uma respondeu que a escola deveria ter agido com empatia, “Com empatia e respeito por algumas limitações que eu tinha na época, a escola era pra ser um lugar confortável e as pessoas deveriam ser mais abertas para conversar sobre os problemas delas”. Esta resposta nos remete ao que Galvão propõe “[...] é bom lembrar que a escola, ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança” (1995, p. 101). É importante que a instituição educacional saiba seu papel na formação educacional do sujeito, mas é mais relevante ainda que os profissionais da educação propiciem um ambiente em que o educando se sinta acolhido para lidar com seus conflitos internos, e saibam a quem recorrer quando passarem por situações difíceis.

3.2 Análise das respostas dos professores

O questionário aplicado para os professores foi respondido por doze profissionais, em respostas abertas. Foi questionado qual o sexo pertencia os profissionais, o resultado foi em 100% do sexo feminino, vale ressaltar que para os anos iniciais não encontramos professores do sexo masculino para que fosse enviado o questionário, mesmo compartilhando entre escolas, pode-se perceber que para a educação, nessa faixa etária as mulheres são protagonistas. Conforme Carvalho (1998) citado por Souza (2011) apresenta:

Predomina uma visão maternal e feminina na docência no curso primário, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente aqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica, e o conhecimento científico. (p.29)

A segunda e a terceira perguntas buscaram perceber se para as professoras, os alunos que vivenciaram a separação dos pais, tiveram mudanças de comportamento e/ou no desempenho escolar, e quais foram tais mudanças. Todas as professoras responderam afirmando haver sim mudança no comportamento desses alunos e a maioria disse que apatia, agressividade e desinteresse em fazer as atividades propostas em sala de aula são recorrentes nesses casos. Uma delas pondera:

Sim, apresentaram mudanças na personalidade se tornando tristes, apáticos e desenvolveram tendência a amizades no ambiente escolar perniciosas para elas. Fato que eu não via antes. O aproveitamento na aprendizagem caiu consideravelmente, a frequência escolar e a falta de objetos escolares pq muitas vezes eram esquecidos na "outra" casa. Alguns se referiam bem assim. É uma situação muito triste para a criança e para o professor! Piora quando a relação com os atuais cônjuges dos pais não é boa e dessa nova união nascem outros irmãos fazendo da criança um estranho no ninho. (depoimento da professora 1)

O relato desta professora vai inteiramente ao encontro do que afirma Souza (2014):

A mais frequente, além da depressão, é a agressividade e as dificuldades de aprendizagem na escola. Os filhos têm a sensação de abandono, e precisam demonstrar isso aos pais mesmo que involuntariamente. [...] Muitas crianças em idade escolar começam a fracassar na aprendizagem durante o período de separação dos pais e até mesmo por um longo tempo após o divórcio. [...] Em algumas separações as crianças tornam-se muito agressivas e geram inúmeros problemas dentro do ambiente escolar. (p.7)

Já a terceira indagação visava saber como as profissionais lidam, juntamente com a escola, com estes alunos que passam por essa condição. Em análise, pode-se observar que a maior parte delas recorre à coordenação para ver o que pode ser feito em relação à situação do educando. Quanto à como as profissionais agem no dia a dia com a situação, observou-se que a maioria frisa ter empatia, atenção e afeto como descreve uma delas:

Eu? Procuro ser mais observadora, humana e profissionalmente, com essa criança. Procuro ouvir ela quando ela se manifesta verbalmente com espontaneidade. Algumas vezes tentei sondar algumas coisas, mas sempre com muito cuidado. Também vi a necessidade de ser mais tolerante e condescendente com essa criança porque a não execução de uma tarefa muitas vezes não foi por irresponsabilidade dela e sim dos responsáveis por ela. A escola? Sem comentários! (Depoimento da professora 2)

Pontuando a resposta dessa profissional, nota-se que a escola se torna omissa diante da situação do educando e que a entrevistada busca ajudar a criança demonstrando afeto e empatia, adotando uma atitude de compreensão, como afirmam Meneghetti e Souza (2017):

O professor tem papel importante nas dificuldades de aprendizagem, pois é um mediador de saberes, e por isso deve assegurar que a sala de aula seja um ambiente de aprendizagem significativa para o aluno, através da observação e diagnósticos deve planejar suas ações, de maneira ajudar o aluno em suas dificuldades e limitações, devendo ser um facilitador da aprendizagem. Também é importante lembrar que deve estar engajado no acolhimento e bom relacionamento com seus alunos para que os mesmos sintam confiança no professor, auxiliando no processo de ensino aprendizagem. Outro fator importante que não podemos esquecer, é a necessidade de ter professores capacitados para promover e organizar o processo de ensino aprendizagem. Preparado para exercer sua função, através de capacitação que deve ser continua e direcionada, na busca de conhecimento e aperfeiçoamento na sua área, pois isso servirá de apoio para o professor e aluno, principalmente quando se trata das dificuldades de aprendizagem. (p.07)

Ainda chamou a atenção outra resposta que comprova o quanto a escola precisa de ações voltadas para ajudar crianças que passam pelo processo de separação durante o período educacional: “Fazemos muito pouco. As reuniões de pais têm pautas técnicas, e os pais não têm liberdade para dialogar com os professores sobre suas demandas pessoais”.

Entende-se que a responsabilidade de auxiliar a criança que passa pelo processo de separação dos pais, não é somente dos responsáveis por elas, mas também da instituição de ensino, pois a mesma tem o poder juntamente com seus profissionais de mediar, identificar e ressignificar as emoções e situações que a criança vive dentro e fora da escola.

A quarta pergunta do questionário busca entender quais os principais desafios do professor em lidar com crianças que estão passando pelo processo de separação dos pais. Tivemos uma ampla variedade de respostas, entre elas: conseguir fazer com que eles entendam e aceitem a nova realidade, confiar na professora, entender o que passa na cabeça do aluno, fazer com que o ocorrido não interfira nos estudos, falta de tempo do professor para ajudar e indisciplina na sala. As respostas em comum foram: recuperar a autoestima do aluno, o interesse pelos estudos e voltar a ter sociabilidade com os colegas, como coloca a professora 3: “Desenvolver a autoestima, a sociabilidade; estabelecer a confiança nas crianças para poder ajudá-las e só então otimizar o processo ensino aprendizagem.”. Diante dessas respostas podemos identificar o que diz Almeida:

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoções. E, como é impossível viver no mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É imprescindível uma atitude corticalizada, isto é, racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis. (ALMEIDA, 2005, p. 103)

A quinta, sexta e oitava perguntas levaram as professoras a refletirem sobre se quando ocorre o processo de separação dos pais, elas costumam perceber mudança no acompanhamento da vida escolar da criança pela família, se na visão delas há alguma alteração na relação família-escola e se elas já passaram por alguma situação onde não foi possível conseguir contato com os pais dos alunos. Todas responderam positivamente a essas questões, conforme estes dois depoimentos:

Sempre. Toda vez que ocorre uma separação, há uma desestruturação da família e isto vai refletir no acompanhamento escolar desta criança por vários motivos desde os financeiros como os emocionais. (Depoimento da professora 4)

Sim, às vezes os pais tem vergonha da separação e acabam se distanciando. evitam participar das atividades, eventos e encontros, como reuniões e festas. (Depoimento da professora 5)

E a professora 6 reforça justamente que

A parceria com as famílias é fundamental para o bom desenvolvimento pedagógico, emocional, psicológico... dos alunos. A escola pode muito, mas não pode tudo. O diálogo escola / família é a mola propulsora para o desenvolvimento das crianças e de suas aprendizagens. (Depoimento da professora 6)

Esse afastamento da família em relação ao acompanhamento escolar dos filhos, durante o processo de separação dos pais, que é percebido pelas professoras, vai ao encontro do que os autores Jeynes (2005) e Bertram (2006) citados por Nunes-Costa et al. (2009) ressaltam:

Alguns autores apontam o menor envolvimento dos pais na vida escolar como principal fator explicativo dos piores resultados escolares. A dissolução conjugal leva a que a discussão de assuntos escolares, o acompanhamento do estudo em casa dos filhos e a revisão dos trabalhos de casa sejam responsabilidade apenas, na esmagadora maioria das vezes, do pai detentor da guarda 45. A dissolução do casamento obriga a uma nova estruturação familiar e ao frequente aumento das horas de trabalho dos pais para aumentar os rendimentos financeiros disponíveis, tornando mais difícil para os pais separados envolverem-se nas atividades escolares dos filhos. De fato, Bertram descobriu que os baixos rendimentos acadêmicos de filhos de pais separados estavam associados, por um lado, ao pobre envolvimento parental e, por outro lado, aos diminuídos índices de adaptação dos pais à própria separação. (p.390)

A sétima pergunta procurou saber, do ponto de vista do professor, o que a escola poderia fazer para apoiar alunos, famílias e o próprio trabalho de professores em circunstâncias como essas, onde a família passa por esse sofrimento emocional. Em geral, as entrevistadas acreditam que a escola deve apoiar, ouvir, manter o contato com a família de forma a acompanhar o aluno, promover momentos família-escola, acolher e ter um profissional na escola capacitado para ajudar. Uma delas diz: “Uma Escolha Acolhedora seria ideal. Onde a família não tivesse medo e nem vergonha. Assim, a família incentivará o filho A continuar estudando e terá educadoras prontas para ouvir, sem emitir opiniões próprias” (Depoimento da professora 7).

Nessa lógica, pode-se entender que a escola tem um papel fundamental no apoio ao aluno que passa por esse sofrimento emocional, no entanto, como evidenciado nos depoimentos das professoras respondentes, elas normalmente agem sozinha diante dessa situação. De acordo com Souza (2014), é importante que todos a volta da criança percebam as dificuldades na aprendizagem advindos da separação dos pais. Mesmo que por algum tempo, até que a família se reorganize, é importante que a escola ofereça os encaminhamentos necessários para apoiar esses alunos, e que, inclusive como as professoras disseram, que tenha um profissional na escola apto para ajudar. Neste sentido, Souza (2014) conclui dizendo que os encaminhamentos feitos

pelo psicopedagogo da instituição são primordiais para evitar danos maiores na vida escolar da criança, visto que ele pode trazer mais perto os pais e explicar a situação do filho.

É essencial, conforme diz Nepomuceno e Bridi (2010), a parceria família e escola para o aprendizado da criança, além da importância do educador na mediação desses conflitos para que tenham sucesso na vida escolar pois a escola é um dos lugares responsáveis pela integração da criança e contribui para a socialização da mesma, e o educador auxilia na ampliação da autoestima e da motivação dos estudos.

O professor tem papel importante nas dificuldades de aprendizagem, pois é um mediador de saberes, e por isso deve assegurar que a sala de aula seja um ambiente de aprendizagem significativa para o aluno, através da observação e diagnósticos deve planejar suas ações, de maneira ajudar o aluno em suas dificuldades e limitações, devendo ser um facilitador da aprendizagem. Também é importante lembrar que deve estar engajado no acolhimento e bom relacionamento com seus alunos para que os mesmos sintam confiança no professor, auxiliando no processo de ensino aprendizagem. Outro fator importante que não podemos esquecer, é a necessidade de ter professores capacitados para promover e organizar o processo de ensino aprendizagem. Preparado para exercer sua função, através de capacitação que deve ser contínua e direcionada, na busca de conhecimento e aperfeiçoamento na sua área, pois isso servirá de apoio para o professor e aluno, principalmente quando se trata das dificuldades de aprendizagem. (MENEGETTI E SOUZA, 2017, p.06 e 07).

Tendo em vista os aspectos observados, nota-se que é de grande importância o preparo tanto dos professores, quanto da comunidade escolar como um todo, para lidarem com os alunos que em algum momento da sua jornada precisará de apoio emocional, visto que acontecimentos como esses são comuns, como mencionado nas respostas das entrevistadas e no referencial. É preciso que o ambiente escolar consiga transmitir segurança e apoio ao educando para seguir com sua vida estudantil sem que os problemas externos e familiares comprometam seu desenvolvimento cognitivo e interpessoal.

Para finalizar, retomamos as estratégias sugeridas pelos depoentes sobre como poderia ser o papel da escola em lidar com a crise emocional devido à separação dos pais, conforme citado por mais de uma entrevistada. A escola seja através do coordenador ou direção pode e deve elaborar novas práticas junto ao corpo docente, conversar com as famílias, adotar uma visão acolhedora e de apoio como cita Schargel:

As escolas podem incentivar a participação da família, perguntando aos pais quando eles podem participar de reuniões, em vez de simplesmente anunciar os horários que convém à escola. Pode-se envolver os pais no processo decisório, estendendo os horários da escola aos finais de semana e até mesmo às noites, oferecendo aos pais a oportunidade de ‘comparecer’ e ser ouvidos. (SCHARGEL, 2005, P.15)

Sendo assim vemos a necessidade de a escola buscar a se adaptar ou promover projetos que atendam essa demanda, como por exemplo, ter profissionais especializados para lidar com o aspecto emocional, seja com os alunos ou extensivo às famílias. Buscando com essas medidas diminuir os traumas e impactos que essa situação possa vir causar na vida escolar do educando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do exposto ao longo da monografia, observa-se que tanto a comunidade escolar quanto a instituição familiar precisam apropriar-se de meios afetivos para amenizar os impactos causados na educação pela separação dos pais, dessa forma os profissionais da educação podem auxiliar os educados a compreenderem a nova realidade familiar sem permitir que a nova situação venha afetar sobremaneira o nível de aprendizagem do aluno. Sendo assim, é importante que o educador tenha não só afeto, mas tenha destreza para lidar em situações que exijam capacidade de compreensão.

Nossa pesquisa de campo identificou que, de acordo com a vivência dos professores do ensino fundamental, é notória uma queda no rendimento escolar dos alunos no momento em que passam por sofrimento emocional em decorrência do divórcio dos pais. E apesar do educador demonstrar interesse em ajudar e escutar esses alunos, ficou evidente que em geral a gestão escolar não assumiu nenhuma medida contínua e sistematizada, deixando muitas vezes somente o professor tentar ajudar este aluno.

Posto isso, é fundamental que a escola busque uma parceria com a família para que o aluno seja ajudado e entendido, de forma que o mesmo entenda que a comunidade escolar juntamente da família possa ampará-lo nesse momento de transição. Por mais que a escola não possa anular esse processo na vida da criança, ela, com todo o núcleo escolar, pode e deve encontrar formas de minimizar os respingos sobre a aprendizagem da criança diante desse problema, até que as relações familiares se restabeleçam.

É importante que as pesquisas sobre o tema sejam ampliadas e que as escolas e profissionais da educação invistam na formação continuada e em projetos que visibilizem crianças que passam por sofrimento emocional em função do divórcio dos pais. Pensando que essa situação é algo com que a escola lida diariamente, pois a base principal desse problema é o relacionamento afetivo dos pais que por se tratar de algo ligado a emoção, pode-se afirmar que está em constante mudança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexandra Regina de. A educação e os valores no século XXI. **ARCOS**, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.arcos.org.br/artigos/a-educacao-e-os-valores-no-seculo-xxi/>. Acesso em 19 abril de 2021.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala da aula**. Ed. Papirus, Campinas, SP, 2012.

ALMEIDA, Carmen Garcia, et al. Pais separados e filhos: análise funcional das dificuldades de relacionamento. **Estudos de Psicologia**, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/rGbh5TrpxVKWqknLcMsZ3Yk/?lang=pt> . Acesso em 19, abril, 2021.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Traduzido da Terceira edição, publicada em 1975 pela Editions du Seuil, de Paris, França, na série Points Histoire, dirigida por Michel Winock Copyright 1973 by Editions du Seuil LTC- Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A.

BATISTA, Jullyane da Silva; PINHEIRO, Ana Carolina Santana; CAMPELO, Edilberto; ROCHA, Taffarel Moraes; MARTINHO, Mailson. A importância da família no processo ensino aprendizagem dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental. **Congresso Nacional de Educação**, Maranhão, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD4_SA_6_ID9768_17082016123124.pdf. Acesso em 02 Mai 2020.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil**; vol.3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CHALITA, Gabriel; Educação: **A Solução Está no Afeto** - São Paulo: Editora Gente, 2001.

CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte et al. **Um olhar da psicologia sobre a educação: diagnóstico e intervenção na infância e na adolescência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003

CREPALDI, Elaise Mara Ferreira. A importância da Família na Escola Para a Construção do Desenvolvimento do Aluno, **EDUCERE**, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25972_13983.pdf. Acesso em 28 Abril 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 134 p.

GERHARDT, Tatiana Engel SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 05 Mai 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em 05 Mai 2020.

HACK, Soraya Maria Pandolfi Koch; RAMIRES Vera Regina Röhnelt . Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 22, ano. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/V6h9SNgxDFkTQKvcWnHcHCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em junho de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais> Acesso em: 29 junho. 2021.

JESUS, Rosana Maria de LEMPKE, Natália Nunes Scoralick. Manifestações emocionais das crianças na educação infantil. **SynThesis Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.6, n.6, 309-325, dez. 2015. Disponível em <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/120/117>. Acesso em 03 de maio de 21.

LEITE, Francisca Oleania Torquato. Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Instituto de Educação, Lisboa, 2015. Disponível em <https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/6276/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FRANCISCA%20OLEANIA.pdf>. Acesso em 17, abril, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. **A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem**. Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.

MENEGHETTI; Ana Cláudia Figueiredo, SOUZA; Fernanda. Dificuldade de aprendizagem. Escola, família e comunidade como grandes aliados e formação do autoconceito. **Uniedu**, out 2017. Disponível em <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/TCC-Ana-Claudia-Figueiredo-Meneghetti.pdf>. Acesso em 12 jun 2021.

MOREIRA, Franciele Pereira. A influência da separação dos pais no desempenho escolar de alunos das séries/anos iniciais na visão do professor, Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/212/1/Franciele%20Pereira%20Moreira.pdf>. Acesso em 04 Mai 2020.

MOTA. Angela Di Paolo. **A Desautorização Do Discurso Paterno**: Traços Históricos, Sintomas Atuais. USP, São Paulo, sem data definida. Disponível em http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/36367.doc. Acesso em 19 de abril de 2021.

NEPOMUCENO, Camila Patrícia; BRIDI, Jamile Cristina Ajub. O papel da escola e dos professores na educação de crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem. Faculdade Cenecista Campo Largo, **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, jul. de 2010, v.9. Disponível em <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/1273/627>. Acesso em : 12 jun. 2021.

NUNES-COSTA, Rui A; LAMELA Diogo J. P. V; FIGUEIREDO Bárbara F. C. Adaptação psicossocial e saúde física em crianças de pais separados. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, 85(5): 385-396. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/fytp7MTrxfnnR7pwYfpZTk/?lang=pt>. Acesso em 03 Mai 2020.

PAIN, Sara. O significado de aprender o número. In: **Encontros com Sara Paín**. PARENTE, S. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2000, p.25.

ROZEK, Marlene; SERRA, Rodrigo Giacobbo. Dificuldades de aprendizagem e problemas emocionais: reflexões sobre a necessidade de uma proposta de formação docente. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre. V 6, n. 1, p. 167-184, jan.-jun. 2015. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/19475/12803>. Acesso em 03 de maio de 21.

SCHARGEL, Franklin. O envolvimento da família e o sucesso do aluno na escola. In: *Gestão em rede*. Nº 60. Curitiba – PR: Consed, 2005

SILVA, Mary Anne Cardoso da. A Importância da Participação dos Pais no Processo Ensino Aprendizagem. **Psicologado**, [S.l.], 2015. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-da-participacao-dos-pais-no-processo-ensino-aprendizagem>. Acesso em 02 Mai 2020.

SOUSA, Fernando Santos. **Gênero e trabalho pedagógico: o prisma do pedagogo homem nos anos de início da escolarização**. 2011. 84 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)— Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2287> em: 12 jun. 2021.

SOUZA, Sarah Danielle Cardoso De. **Divórcio dos pais e dificuldades na aprendizagem dos filhos**: a importância da família no processo de ensino-aprendizagem. Realize Eventos Científicos e Editora, Campina Grande, 2014. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8672>. Acesso em 03/05/2021.

TAVARES, Camila Mendes Martins, NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. **Revista Formação@Docente** – Belo Horizonte – vol. 5, no 1, jan/jun 2013. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/view/309>. Acesso em maio de 2020.

TIBA, Içami, **Quem ama, educa** — Editora Gente, São Paulo, 2002, p.194-202.

APÊNDICE